

PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM QUANTO AO PROCESSO TERMINAL DA VIDA

PERCEPTIONS OF NURSING STUDENTS REGARDING THE TERMINAL PROCESS OF LIFE

Morgana César Borges¹, Bruna Lauanne Borges Dias Gomes²

Autora para correspondência: Morgana César Borges - morgana.csborges@gmail.com

¹Graduanda de Enfermagem na Universidade Estadual de Goiás. Ceres, Goiás, Brasil.

²Pós-graduada em Emergência e Urgência. Professora na Universidade Estadual de Goiás. Ceres, Goiás, Brasil.

RESUMO | Objetivo: Identificar a percepção dos estudantes de enfermagem quanto ao processo terminal da vida, caracterizar as dificuldades e problemas encontrados pelos estudantes nesse processo. **Método:** Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva exploratória, com análise quantitativa dos dados. A amostra foi composta por 50 acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual de Goiás – Campus Ceres. Para a coleta de dados foi utilizado questionário elaborado pelas pesquisadoras. **Resultados:** A maioria dos acadêmicos – 78% – não se sente preparado para noticiar a morte do ente querido à família e apenas 22% afirmam estar preparados. 62% dos entrevistados têm medo que alguém morra em sua frente, 38% não sentem medo em relação a isso. Sobre o preparo para lidar com o processo de morte e morrer, 6% consideraram estar preparados para este enfrentamento, 70% sentem parcialmente preparados e 24% totalmente despreparados. **Conclusão:** Mesmo os acadêmicos tendo contato em relação à morte, recebendo algum tipo de preparo seja ele por meio de aulas teóricas e práticas, o acadêmico não está totalmente preparado para o enfrentamento do processo morte e morrer do paciente.

Descritores: mortalidade, estudantes de enfermagem, cuidados paliativos, direito a morrer.

ABSTRACT | Objective: Identify the perceptions, of nursing students regarding the terminal process of life, to characterize the difficulties and problems discovered by students in this process. **Method:** This is an exploratory descriptive research, with quantitative data analysis. The sample consisted of 50 nursing students from the State University of Goiás - Ceres Campus. For data collection, a questionnaire elaborated by the researchers was used. **Results:** Most academics do not feel prepared to report the loved one's death to the family (78%), and only 22% claim to be prepared. 62% of respondents are afraid that someone dies in front of them, 38% are not afraid of it. About preparing to deal with the death and the dying process 6% considered being prepared for this confrontation, 70% feel partially prepared, and 24% totally unprepared. **Conclusion:** Even academics having contact with death, receiving some kind of preparation through theoretical and practical classes, the academic fully prepared to face the death process of the patient.

Descriptors: mortality, nursing students, palliative care, right to die.

INTRODUÇÃO

Quando o paciente não tem mais possibilidade de tratamento terapêutico é chamado de “terminal”. Faz-se pensar que nada mais pode ser feito, porém o paciente na fase final está vivo e precisa ter as necessidades atendidas, proporcionando conforto durante essa fase¹.

A pesquisa foi motivada pela falta de conhecimento, por parte de profissionais da saúde, em lidar com o paciente terminal e pela dificuldade de trabalhar com os sentimentos frente ao processo de morte do paciente, verificada por acadêmicos de enfermagem, durante a realização de estágios nos serviços de saúde.

As principais causas de morte no mundo são doenças isquêmicas cardíacas, acidente vascular cerebral, infecções respiratórias inferiores, doença pulmonar obstrutiva crônica, diarreia e HIV/AIDS. Entre as principais causas de mortalidade no mundo estão as doenças crônicas não transmissíveis, como o câncer e diabetes e doenças pulmonares crônicas². Há ainda as mortes por prematuridade infantil e os acidentes de trânsito mataram milhares em 2011².

No Brasil, o câncer é a segunda causa de óbitos, com tendência de crescimento nos próximos anos, o câncer é uma questão de saúde pública, principalmente ao se levar em consideração seu percentual de prevenção: cerca de um terço dos casos novos de câncer no mundo poderia ser evitado³.

Lima e Buys⁴ asseguram que futuros enfermeiros, médicos e psicólogos não estão sendo bem preparados para enfrentar a problemática morte em sua prática diária. Falta preparo psicológico a esses acadêmicos, sendo primordial a inclusão de temas como Tanatologia (tratado acerca da morte⁵), onde os estudantes exponham seus conflitos, e abrir espaço na sala de aula para discutirem sobre o assunto.

Pereira et al⁶, afirmam em seu estudo que muitos profissionais da saúde têm contato inicial com a morte na disciplina de Anatomia, diante do cadáver, tornando o primeiro paciente de muitos acadêmicos. Revela ainda que mesmo os acadêmicos que tiveram a oportunidade de vivenciar a morte no campo da

prática e apesar de cumprirem toda carga horária de Tanatologia incorporada na matriz curricular de enfermagem, não possuem segurança profissional e agem com receio sobre este processo.

A partir do século XIX, a morte é denominada como morte clínica. A família escondia do enfermo sua gravidade na intenção de preservar o estado emocional do doente¹⁰. Na segunda metade do século XX, a morte deixa de ser em ambiente familiar e desloca para o hospital⁷.

A medicina auxiliada pelos avanços tecnológicos favoreceu uma mudança na forma em que a morte era vista socialmente. Não se termina a vida em casa, rodeado pela família com mansidão para desprender-se da vida, mas sim encoberto por um ambiente hospitalar, julgado como neutro⁸.

Oncologistas e médicos especialistas em cuidados paliativos que trabalham e convivem com a iminência de morte foram aprovados com a Resolução 1.925/2012, do Conselho Federal de Medicina, a avaliarem critérios sobre os tratamentos invasivos ou dolorosos, em casos que não existam nenhuma previsibilidade de melhora do paciente³.

Diante disso surge o questionamento a respeito de quais seriam as percepções dos acadêmicos de enfermagem quanto ao processo terminal da vida. O presente estudo investigará se as orientações ofertadas durante a formação acadêmica são suficientes para o preparo do aluno a desempenhar suas funções de atenção ao doente terminal e a sua família, podendo com esta pesquisa descobrir medidas para amenizar esta problemática. Objetiva-se assim: a) identificar conhecimentos e percepções dos acadêmicos de enfermagem acerca do processo terminal da vida; b) avaliar o preparo dos acadêmicos diante da morte de um paciente; identificar o que falta na formação desses acadêmicos para melhor auxiliar diante do morrer de um paciente; avaliar como os acadêmicos agem diante do paciente terminal e da família.

Um dos interesses em se pesquisar sobre o assunto é despertar a preocupação dos acadêmicos e docentes em obter espaço na graduação sobre

o tema, buscar aprendizado em assistência ao paciente terminal, cuidados paliativos, humanização, comunicação com o doente e a família.

Espera-se que os resultados desse estudo possam promover a criação de um componente curricular nos Cursos de Graduação em Enfermagem. Sabe-se que somente esta atitude não resolverá o problema, mas associado com demais subsídios teóricos, práticos, troca de experiências, apoio psicológico, trabalhos sobre o assunto seja possível estabelecer compromisso com o acadêmico e sane as dúvidas a respeito do tema.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo descritiva exploratória, com análise quantitativa dos dados.

O instrumento de coleta de dados foi composto por questões sociodemográficas e por 14 questões específicas sobre o processo de morte e morrer e atenção ao paciente terminal.

No que refere aos aspectos éticos, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (UFG), nº da aprovação: CAAE54883516.4.0000.5083, em que respeitou a resolução 466/20129 do Ministério da Saúde.

Para a coleta de dados, foi comunicado à direção e coordenação da Universidade Estadual de Goiás - Campus Ceres, a qual disponibilizou que os participantes respondessem a pesquisa; foi estabelecido um horário no qual foi aplicado o questionário em sala de aula onde estávamos respectivos períodos pesquisados: 6º, 8º e 10º períodos do curso de Enfermagem.

Os critérios de inclusão foram ter idade igual ou superior a 18 anos, ser acadêmico do curso de Enfermagem, estar cursando entre o 6º e 10º período, estar matriculado na Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Ceres e concordar em participar da pesquisa, cumprindo com a assinatura

dos documentos requisitados.

Depois da explicação inicial a respeito do estudo, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual constavam informações detalhadas sobre a pesquisa. O consentimento dos acadêmicos foi solicitado, em norma da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que dispõe sobre pesquisas com seres humanos. No início da entrevista os pesquisados foram informados que poderiam se recusar a responder as perguntas ou deixar de participar da pesquisa em qualquer momento, sem danos ou prejuízos a este.

Após o TCLE ter sido assinado, o questionário foi aplicado e o tempo máximo de 20 minutos foi estipulado para resposta. Ocorreu na presença de duas testemunhas, sendo estes, funcionários da instituição. Os questionários foram codificados com caracteres alfanumérico de três dígitos, com o intuito de evitar vinculação das respostas com o participante, mantendo-se o absoluto sigilo. Os questionários serão arquivados por no mínimo cinco anos e depois incinerados.

Após a coleta de dados, os questionários respondidos foram reunidos e avaliados quantitativamente de forma individual. Foram realizadas transcrições de respostas e interpretação dos dados. Utilizou-se o programa Word e Excel para melhor interpretar os registros. Para dar credibilidade ao estudo, foi aplicado teste Qui quadrado no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) versão 2.0 a fim de testar hipóteses levantadas.

As hipóteses levantadas foram se haveria relação entre o acadêmico ter tido contato com a morte e estar preparado para noticiá-la, se os acadêmicos que afirmavam conhecer as fases psicológicas da morte realmente as conheciam e sabia descrever, se o medo de ver alguém morrer diminuía quando já haviam tido contato com a morte e ainda se a descrição do preparo que o acadêmico julga ter em relação a lidar com a morte está relacionada a forma com que foram preparados no curso de graduação.

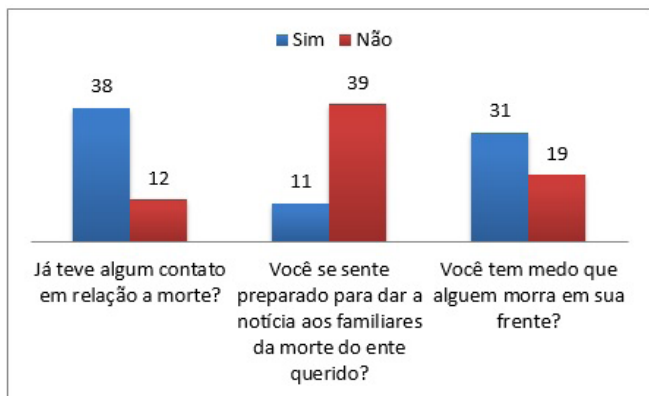
RESULTADOS

A média de idade dos participantes foi de 21,8 anos com desvio padrão de 1,6. A idade variou de 19 anos, idade mínima e 43 anos, idade máxima. 94% dos pesquisados tem idade entre 18 e 28 anos, 4% possuem idade 28 e 38 e 2% idade entre 38 e 48 anos.

O sexo feminino é predominante entre os entrevistados sendo 86% (43) e apenas 14% (7) homens. O estado civil que mais sobressaiu foi o de solteiros, 88%; casados, 4%; união estável, 4% e divorciados, 4%. Sobre a cor/raça, 38% se descreveram como parda, 30% branca, 22% preta, 8% amarela e 2% indígena. A religião predominante foi a Evangélica com 50%, a Católica com 46% e outros, 4%.

A segunda parte do questionário composta por 14 questões refere-se ao conhecimento sobre o processo morte e morrer do paciente, o seu preparo diante deste acontecimento, fases psicológicas da morte, sentimentos manifestados no cuidado com o paciente, capacidade de noticiar a morte aos familiares.

Gráfico 1. Visão dos acadêmicos de enfermagem em relação à morte.



Como mostra o gráfico 1 referente ao contato com relação a morte, 76% dos acadêmicos responderam ter algum contato em relação a morte, 24% não tiveram esse contato. A maioria não se sente preparada para noticiar a morte do ente querido à família 78%, e apenas 22% afirma estar preparado. 62% dos entrevistados tem medo que alguém morra em sua frente, 38% não sentem medo

em relação a isso.

Sobre as fases psicológicas da morte, 52% responderam que conheciam e 48% responderam não conhecer. Em outra questão onde tem que descrever quais são essas fases, a maioria (86%) errou a resposta, apenas 14% responderam corretamente as fases psicológicas da morte.

Sobre o preparo na formação acadêmica para o enfrentamento do processo morrer, 68% disseram que receberam, 30% não recebeu esse preparo e 2% não responderam a questão. Investigado em qual momento receberam esse preparo, 32% citaram aulas de Psicologia, 8% experiência no dia a dia, 28% responderam em algum momento do curso e 2% não responderam.

A questão referente sobre o que falta na formação profissional para auxiliar o acadêmico diante este evento, 24% responderam discussão do conteúdo durante a graduação; 24%, humanização nas experiências de aprendizado; 16%, experiências anteriores com a morte; 12%, interação com outras ciências como Psicologia; 20%, contato precoce com os pacientes e 4%, nada.

Ao explorar a classificação dos acadêmicos diante a morte e morrer de um paciente, 6% consideraram estar preparados, 70% se classificam como parcialmente preparados e 24% referiram estar totalmente despreparados.

Foi utilizado teste Qui quadrado para realizar inferência estatística e avaliar parâmetros referentes à classificação do preparo dos acadêmicos de Enfermagem diante da morte e morrer do paciente e os problemas encontrados.

Correlacionado os dados sobre o medo que os acadêmicos sentem caso alguém morra em sua frente e sobre eles terem contato em relação à morte o teste de hipóteses teve o resultado $P=0,6933$, sendo, portanto não significativo, pois $P>5\%$.

A correlação entre os dados sobre se o acadêmico está preparado para noticiar a família sobre a morte do seu ente querido, teve valor de $P=0,9518$ sendo não significativo, pois $P>5\%$.

Relacionado os dados sobre conhecimento das fases psicológicas da morte e a descrição dessas fases, o valor obtido foi de $P=0,7198$ $P>5\%$ é possível afirmar que não é significativo. Correlacionando entre onde os acadêmicos receberam preparo em sua formação para o enfrentamento da morte e como classificam seu preparo diante a morte e o morrer do paciente, resultou em $P=0,9685 > 5\%$ sendo não significativo este valor.

Correlacionando os dados de como os acadêmicos classificam seu preparo diante o morrer e o que falta em sua formação profissional para auxiliar diante disto, o valor obtido foi de $P=11,898 > 5\%$, logo não é significante.

DISCUSSÃO

Nesta pesquisa prevaleceram acadêmicos do sexo feminino, assim como Ribeiro e Fortes¹⁰ apontaram em seu estudo, onde indica que a enfermagem continua sendo um trabalho exercido com mais números de mulheres que homens.

Neste estudo, a maioria das pessoas possui uma religião, conforme Boussoet al.¹¹, afirmam que a religião é caracterizada como relevante aliada no processo de aceitação e enfrentamento da morte, as pessoas encontram forças para melhor tolerar essa fase difícil.

Observou-se com este estudo que a raça/etnia predominante foi parda, Medeiros e Lustosa¹² mantém a ideia que a raça/etnia influencia na forma de vivenciar a saúde e a doença, sendo que cada grupo de pessoas que tem mesma origem, história, costumes apresentam estar mais preparados para enfrentar a morte do que outras.

Quanto ao estado civil dos entrevistados, a maioria revelou ser solteiro. De acordo com Lucena et al.¹³ a correlação fica em destaque quando comparados dados através do tempo, notando a prorrogação do casamento. As pessoas optam em se casar, cada vez mais, com maior experiência de vida.

Em relação ao medo que alguém morra em sua frente, percebeu que a maioria afirmou sentir medo (62%) e 38% disseram não possuir medo. Para Brêtas, Oliveira e Yamaguti¹⁴, o medo é a resposta mais comum, o medo de morrer é para todos. Esse sentimento pode ser compreendido pelos acadêmicos sofrerem esta experiência dolorosa. O medo da morte faz com que as pessoas criem planos para prolongar a vida.

Nota-se que maior parte dos entrevistados (78%) não se sente preparado para noticiar a morte de seu ente querido à família e apenas 22% afirmam estar preparados. De acordo com Duarte, Almeida e Popim¹⁵ não é uma tarefa obrigatória do acadêmico noticiar fatos como esses. Esta tarefa é realizada por alguém mais experiente, por um docente ou médico. Dessa maneira, o estudante não encara essa situação.

A pesquisa apontou que 70% dos acadêmicos disseram estar parcialmente preparados diante da morte e do morrer de um paciente, 24% referiram estar totalmente despreparados e 6% totalmente preparados. Mendonça et al.,¹⁶ afirmam em seu estudo que apesar do curso não ter oferecido auxílio suficiente para discussão do tema, poucos acadêmicos se sentem preparados para este enfrentamento. Isso pode ser justificado pelo fato dos acadêmicos terem realizados estágios voluntários ou até mesmo experiência pessoal.

Custódio¹⁷ sustenta a ideia que a formação colabora em sua maioria para o preparo em trabalhar com situações em que a perda esteja envolvida, porque a assistência em enfermagem é uma reprodução do que o acadêmico obteve em toda sua graduação, em aspectos éticos, psicológicos, históricos, culturais e religiosos sendo estes obtidos não somente em prática de estágios, mas no decorrer do curso e experiências no dia a dia.

Pôde verificar que dentre os entrevistados, 68% disseram ter recebido algum tipo de preparo para o enfrentamento da morte e morrer, 30% negaram ter recebido esse preparo e 2% não responderam a questão. Investigado em qual momento receberam esse preparo, 32% citaram aulas de Psicologia, 8% disseram ter adquirido por experiência no dia a dia, 26% responderam em algum momento do curso

e 2% não responderam.

Custódio¹⁸ afirma que vida e morte são questionadas na graduação dos acadêmicos, na qual a disciplina de Psicologia auxilia na parte teórica, em abordar o processo morte e morrer, como ajuda emocional. Susaki, Silva e Possari¹ destacam em seu estudo cinco fases que identificam o momento vivenciado pelos pacientes durante sua terminalidade e foram descritos pela primeira vez por Elizabeth Kübler-Ross. São elas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Identificar os estágios em qual o paciente se encontra é essencial para o profissional, pois auxilia na melhor forma de prestar cuidados ao doente de forma compatível a fase em que o paciente se encontra.

Percebe-se a falta do conhecimento sobre as fases psicológicas da morte, 52% disseram conhecer estas fases e 48% não conhecem. Em outra questão onde é perguntado quais são essas fases, a maioria (86%) respondeu incorretamente, apenas 14% responderam corretamente as fases psicológicas da morte.

Essa pesquisa possibilitou identificar os problemas da formação acadêmica em relação a morte, e foram descritos como a falta de: discussão do conteúdo durante a graduação; humanização nas experiências de aprendizado; experiências anteriores com a morte; interação com outras ciências como Psicologia e contato precoce com os pacientes.

De acordo Lima, Nietzsche, e Teixeira¹⁸, a graduação oferece um preparo insuficiente a esses acadêmicos, há pouca ênfase na questão emocional, sendo pouco abordadas durante as aulas práticas e de forma muito básica em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos estudos, foi possível concluir que mesmo os acadêmicos afirmando terem algum contato em relação à morte, e receberem algum

tipo de preparo, seja ele por meio de aulas teóricas e práticas, os mesmos não estão totalmente preparados para o enfrentamento do processo de morte e morrer do paciente.

Os acadêmicos agem com insegurança diante do paciente terminal e da família, não estando preparados para noticiar a família a morte do seu ente querido. É importante que o acadêmico tenha continuidade do aprendizado no processo de morte e morrer, iniciando mais precocemente o contato com pacientes, discutindo sobre o processo de morte e morrer desde o início da graduação para que quando estiver no último período esteja familiarizado com este processo.

Este estudo possibilitou identificar os problemas que os acadêmicos enfrentam para melhor se prepararem quanto a isso. A falta de preparo psicológico é um desses motivos, os sentimentos são na maioria das vezes o que mais interfere no cuidado ao paciente terminal sendo eles: tristeza, angústia, aflição, o medo e a impotência.

A falta de preparo psicológico, a falta de humanização nas experiências de aprendizado, o contato mais precoce com os pacientes, a falta de interação com outras ciências como a Psicologia e discussão do conteúdo durante a graduação, são os problemas encontrados e estes contribuem para a falha no enfrentamento do processo de morte e morrer.

Percebe-se portanto a necessidade de um reajuste na matriz curricular, introduzir disciplinas que abordem o processo de terminalidade e suas psicologias, no campo da prática, ter contato precoce com os pacientes, inserir seminários sobre o processo de morte e morrer. Há muito que discutir sobre o tema, deve-se ofertar um plano de educação permanente para docentes abordando esta temática, e assim, melhor prepará-los para aplicar aos alunos nessa jornada acadêmica.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Borges MC participou da concepção e planejamento, delineamento, busca, coleta de dados, análise estatística, interpretação dos dados, interpretação dos resultados, construção de gráficos, redação e confecção do artigo científico. Gomes BLBD participou como orientadora, professora e responsável legal e realizou correção completa do artigo confeccionado.

CONFLITOS DE INTERESSES

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

REFERÊNCIAS

1. Susaki TT, Silva MJ; Possari JF. Identificação das fases do processo de morrer pelos profissionais de Enfermagem. Acta Paul Enferm. 2006;19(2):144-9.
2. WorldHealth Organization. The top 10 causes of death 2014 [Internet]. 2016 [Acessado em 10 out 2016]. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs310/en/>
3. Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro. 2015 .
4. Lima VR, Buys R. Educação para a morte na formação de profissionais de saúde. A B P. 2008;60(3).
5. Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa. 1ª. ed.. São Paulo: Editora FTD; 2002.
6. Pereira FCSM, Carvalho ICCM, Vale LMS, Silva NC, Morais ER. Acadêmico de enfermagem frente à morte no campo de prática hospitalar. R. Interd. 2014;7(4):124-130.
7. Caputo RF. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. Rev Mult Uniesp. 2008;6.
8. Takahashi CB, Contrin LM, Beccaria LM, Goudinho MV, Pereira AMR. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. Arq Ciênc Saúde. 2008;15(3):132-8.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília. DF. 2012.
10. Ribeiro DB, Fortes RC. A morte e o morrer na perspectiva de estudantes de enfermagem. Revisa. 2012;1(1):32-39.
11. Bousso RS, Poles K, Serafim TS, Miranda MG. Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. Rev Esc Enferm. USP. 2011;45(2). doi: [10.1590/S0080-62342011000200014](https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000200014)
12. Medeiros LA, Lustosa MA. A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. Rev SBPH. 2011;14(2).
13. Lucena ALR, Amâncio AS, Correia AA, Vieira KFL, Virgínio NA, Matos SDO. Morte no ambiente hospitalar: analisando a percepção de graduandos em enfermagem. Rev Ciênc Saúde Nova Esperança. 2014;12(1):4-14.
14. Brêtas JRS, Oliveira JR, Yamaguti L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e morrer. Rev Esc Enferm. USP. 2006;40(4):477-483. doi: [10.1590/S0080-62342006000400005](https://doi.org/10.1590/S0080-62342006000400005)
15. Duarte AC, Almeida DV, Popin RC. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. Interface. 2015;19(55):1207-19. doi: [10.1590/1807-57622014.1093](https://doi.org/10.1590/1807-57622014.1093)
16. Mendonça GA, Júnior VDS, Correio NLS, Santos AS. O morrer para graduandos em Enfermagem: a contribuição da Psicologia. REFACS. 2013;1(1):24-33.
17. Custódio MRM. O processo de morte e morrer no enfoque dos acadêmicos de enfermagem. Encontro: Revista de Psicologia. 2010;13(18):127-142.
18. Lima MGR, Nietzsche EA, Teixeira JA. Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros. Rev. Eletr. Enf. 2012;14(1):181-8.